

TEM FESTA NA CURVA DO RIO

Frederico Luiz Moreira

Antropólogo e pesquisador,

Membro Efetivo da Comissão Mineira de Folclore

[...] *a festa invade a vida e, de repente, parece que tudo é ela.*
(BRANDÃO, 2010, p. 19)

Não faz muito tempo que o ofício da lavadeira visto em muitas famílias como sustento do lar dependia da presteza de seu serviço, da eficácia de sua forma de lavar as diferentes peças de roupas e da quantidade de clientes que se obtinha ao longo dos anos, assim como da quantidade de trouxas que ela deveria lavar para assegurar a clientela e os recursos ao final de cada mês. Tudo isso feito às margens de um rio, em pedras planas, num penoso cotidiano. Graciliano Ramos, certa vez, fez uma curiosa recomendação sobre o ato da escrita que dizia que qualquer um que se atrevesse a escrever deveria fazê-lo da mesma forma que uma lavadeira faz seu ofício:

[...] Elas começam com uma primeira lavada. Molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Depois colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxaguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar (SILVEIRA, 1998, p. 77).

Com grande refinamento, Ramos descreve não apenas a ação de compor textos, que é além de árdua, muito próxima aos repetitivos atos de lavar roupas às margens de um rio, mas ele atende ao

que esta pequena escrita se apoia, o corpo, os gestos e as memórias, as “escritas de si e do tempo” (VELLOSO; ROUCHOU; OLIVEIRA, 2009), a performance mesma que a lavadeira, em seu serviço, ofereceu-me e será lembrada.

O “lavar as roupas para fora” ou para os outros foi, com o passar do tempo, deixando junto ao rio, a sua vivacidade. Aquela relação de troca entre as lavadeiras e as águas foi sendo guardada em suas histórias e narrativas orais, em sua corporalidade. A oralidade (e corporalidade), que hoje acompanha algumas de suas filhas, ainda é encontrada em seus cantos quando se encontram distraídas em afazeres corriqueiros. De tal modo, “[...] vemos que papéis sociais formam, junto com outros elementos, verdadeiros conjuntos que marcam e são marcados por seus *domínios de origem*”. (DAMAÍTA, 1997, p. 97).

De maneira mais específica, o Rio Sabará, rio limpo de suas memórias, nasce na Serra da Piedade, no município vizinho, em Caeté, e percorre a cidade de Sabará até desaguar no Rio das Velhas. Por esse rio se tornou possível a instalação de arraiais durante o período colonial, que cresceram devido à mineração do ouro, dando origem a *Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará*, em 17 de julho de 1711.

Há pouco tempo, as ex-lavadeiras me contaram que o rio de onde retiravam seu sustento não é mais o mesmo. Elas me contaram que o Sabará de sua infância, com suas águas abundantes, tornou-se o rio de suas memórias. Lembranças de águas claras onde seus filhos brincavam, recordações, sensações de tempos que puderam ser evocados por intermédio de uma festa, ou, como nos traz Léa Perez (2012), enquanto foco gregário de uma partilha comum.

Essa festa é a *Domingueira*, um nome que de acaso não tem nada. Decerto, foi uma escolha assertiva, que veio dum belo trabalho de desfolhamento das camadas do tempo, da história de vida de uma mulher. Falo de uma escrava forra, Domingas Moreira dos Santos, que nos propôs investigá-la entre documentos, oralidades, suposições, entre as águas do Rio Sabará. O seu nome,

encontrado numa antiga ponte da cidade, tornou-se o de um projeto de pesquisa e extensão universitária, que ganhou o prêmio do Edital PAEx Nº01/2017 e atualmente é financiado pela FAPEMIG (Edital Universal – 01/2018), *Mãe Domingas: educação pelas águas do Rio Sabará*¹ desenvolvido em parceria pelas instituições: FaE/UEMG (Grupo de Pesquisas *Polis e Mnemosine: Cidade, Memória e Educação*), Museu do Ouro/Ibram, Universidade de Laval² e ECI/UFMG³.

Diante dessas conjecturas e numa experiência de efervescência coletiva, participei da tal “Domingueira”, ou seja, como de costume a festa se fez ponto de partida e de chegada. É por meio dela, que a presente escrita, ainda que de forma singela, expõe algumas reflexões sobre o que presenciei como parte latente de um antigo ofício, o das lavadeiras do Sabará. Meu olhar, ainda que em festa, voltou-se a observar memórias, recordações dessas mulheres quando ainda lavavam roupas sobre as pedras, às margens de um rio, resquílios que puderam ser percebidos mediante os movimentos de seus corpos, nas anedotas de uma festa de domingo.

[N]A DOMINGUEIRA

É domingo, dia 25 de fevereiro de 2018. Uma espécie de carnaval tardio, uma festa. Samba (SODRÉ, 1998) no quintal dos Pereira Vieira. Momento para se arrumar, vestir um chapéu, de colocar-se à rua com uma roupa bonita para seguir até o local marcado, de fazer o rito e [in]vestir contra o anonimato, já que “a passagem da casa

¹ Coordenado pela Professora Dra. Lana Mara de Castro Siman, do PPGE – FaE/UEMG e pela Ma. Isabella Carvalho de Menezes, Técnica em Assuntos Educacionais do Museu do Ouro/Ibram.

² *Université du Laval* – Quebec / Canadá, por meio da Professora Dra. Barbara Bader.

³ Escola de Ciência da Informação – Curso de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais através do Professor Dr. Jesulino Lúcio Mendes Braga.

para rua é sempre ritualizada” (DAMATTA, 1997, p. 120). Simbolizar - na passagem de um estado para o outro, ou melhor, do cotidiano ao festivo.

Nesse final de semana, quase próximo das 10h, segui de carro até o local da festa. O dia, meio nublado, aparentava que alguma chuva cairia, mas o sol se manteve concedendo o espaço do quintal para que as mesas com seus belos enfeites de flores brancas, em garrafinhas ornamentadas com fitas azuis sobre um chitão, pudessem se espalhar próximo ao fogão à lenha. Na outra entrada, aos portões dos fundos, local que encontra com o Rio Sabará, tivemos uma bela recepção. Outros grandes chitões, porém vermelhos, e o banner do referido projeto cobriam uma parede próxima à mesa que continha uma lista de presença. Nessa lista, faziam-se presentes as ex-lavadeiras, suas filhas, seus filhos, muitos sorrisos e a feijoada que começava a ganhar tempero e calor, enquanto os membros do projeto, que chegaram cedo, ajustavam as últimas cadeiras e mesas esticando uma grande colcha de fuxicos, toda delicada, para apartar o sol e embelezar a casa.

Uma feijoada foi o motivo para a festa. Ela foi decidida, em reunião, entre uma galinhada ou, um clássico, tropeiro com costelinhas. Parece engraçado pensar sobre qual seria a melhor comida para uma festa, mas seu valor gregário se constituiu no apontamento da união de grupos distintos, no reforço de uma identidade, que, nesse caso, possui em comum a antiga ocupação de lavar roupas.

O cotidiano se irrompeu em meio à comemoração, concebendo outro sentido para o que parecia efêmero: articular memórias, associar vivências, evocar uma participação comum pela distribuição de deveres, na divisão das tarefas entendida por meio das comidas que trouxeram, ou da limpeza ao final do encontro. Relações e motivações de um evento que como o rio fluía atrás da casa. Como Durkheim (1996) apontou, a potência da festa habita entre a festividade e a vida social, na coesão de grupos que celebram e fazem a sociedade restaurar-se e se constituir. Resultando, assim, em pertencimento.

O portão abriu-se e a lista de presença aumentou. Vindas do bairro Pompéu, as ex-lavadeiras chegaram de outras curvas do rio, trazendo consigo outros tantos pratos para completar o banquete em nome do rio, em nome de suas recordações e desse encontro. Ilza, Tânia, Dona Ana, Vanda, Dona Eugênia, Dona Ada, Dona Eni, Maria Eugênia, Nilza, Dona Luzia, Dona Nica, Ilma, Maria das Graças, e a nossa anfitriã Dona Lúcia estavam presentes na *Domingueira*. Na beira do rio, elas uniram-se para cantar e contaram-nos suas histórias, relatando-nos suas vivências e suas visões presentes e passadas de dois rios que são um.

Enquanto a comida tomava *corpo* e sabor, as ex-lavadeiras iniciaram longas conversas sobre suas vidas. Nesse momento, demais sujeitos começaram a ganhar diferentes teores desenhando-se no contorno das melodias.

Em meio ao fuzuê das conversas, uma cantiga se iniciou acompanhada de um bater de palmas, ao ritmo das canções populares, que modificou os corpos ouvintes ao encontro com a cultura e identidade de mulheres negras. A mesma canção entoada numa roda de memórias sobre Rio Sabará feita aos fundos do Museu do Ouro, como parte da pesquisa, alguns meses antes dessa festa, que dizia:

*“Zum, zum, zum lá no meio do mar,⁴
Zum, zum, zum lá no meio do mar,
É o vento que nos atrasa
É o mar que nos atrapalha
Para no porto chegar
Zum, zum, zum lá no meio do mar,
Zum, zum zum lá no meio do mar,
Papagaio, periquito, pomba rola e sabiá
Papagaio, periquito, pomba rola e sabiá*

Adorávamos beber à saúúúúude!”

Na composição própria dessa festa, do molejo e curvas das ex-lavadeiras ao dançar, analisei seus

⁴ Até esta parte do refrão a letra é originária da cantiga folclórica: “Peixe Vivo”.

movimentos, a fim de tentar traduzi-los. Enquanto cantavam e dançavam essa música (e outras) imitavam, gestualmente, atos de quando lavavam roupas no rio. Esses gestos inquietaram-me e fizeram-me refletir sobre as horas de um esfregar, enxaguar, torcer, bater e estender as roupas. Os mesmos gestos similares aos reproduzidos longe das águas, evocados pelas canções utilizadas em seus ofícios, ali, na festa.

Quando as observei dançar, empreendi um “movimento metafórico” para enxergar além daquilo que havia notado - o que é necessário para produzir um deslocamento do que é habitual dando espaço para que as memórias, as subjetividades e as sensibilidades pudessem incidir ao notar estas senhoras e suas agitações - durante a diversão. Parecia haver uma espécie de cumplicidade entre as águas e seus corpos como se com o passar do tempo alguns segredos tivessem lhes sido revelados, no constante contato com esse rio. A água moldou seus corpos, que moldaram as águas com o ritmo de seus movimentos. Na festa, ao dançar, suas mãos se juntavam, esfregavam-se e afastavam-se, além dos braços que se levantavam e se movimentavam unindo as mãos por meio das palmas, que eram acompanhadas pelas demais mulheres. Suas pernas e quadris, com certo balanço, faziam seus corpos fluírem, até que o samba iniciou-se e contagiou, com felicidade, suas faces. “Daquela cena emergia uma força de atuação sobre nosso pensamento, que funciona em outra ordem muito deslocada da racionalidade, agindo sobre o inconsciente e criando a sensação de um outro espaço-tempo” (RISÉRIO, 1993, p. 50).

A água dançava no agito da lavadeira, a lavadeira bailava na euforia da recordação. Ambas, a água e a lavadeira ensinaram-se (mutuamente), enquanto o tempo assistia a elas. A retribuição do rio para com seus cantos e presenças diárias foi levar embora o que diversos momentos acumularam em suas vestes no cotidiano da cidade, em suas constantes mudanças, quarando as impregnações da vida e suas imundícies. Todavia, do mesmo modo que o rio retirou as sujeiras, ele também

trouxe outras coisas, como as recordações, as experiências de dores e amores, reflexos de rostos e corpos que se modificaram como as águas do Sabará, e que, como essas mulheres, ainda persistia ao se movimentar, em resistência, ao fundo de suas casas.

Mulheres que fitaram com vago olhar o brilho de um rio e cantaram juntas, solapando as lembranças de outro tempo com suas canções. Nesse ato, elas reconstruíram um discurso que legitimou seus feitos e vivências. A recordação de outro tempo foi evocada pelo grupo num apoio mútuo que pactuou uma mesma narração e “interpretação de fatos” (BOSI, 1994, p. 67), histórias orais que se repetiam munidas de corpografias (JACQUES, 2009), tornando lembranças, contos vívidos e sólidos.

No exercício de dissertar sobre a festa e o corpo, pude refletir que é possível distinguir que a continuação das práticas é alimentada pela socialização que transita entre os tempos, por meio das narrativas, da memória e da história das gerações mais velhas repassadas por meio da construção de uma memória coletiva. Desses valores, saberes e fazeres, ou, pelas várias narrativas orais e visuais, especialmente, nas relações sociais, a festa manifesta a tradição e sua permanência por intermédio do corpo e de sua subjetividade, de uma corpografia. Nesse ato, nessa “conservação” em que se inovam os modos de viver, o mundo é [re] interpretado para que outros sintam e entendam diferentes tempos, que são as sensibilidades daquilo que é e do que foi vivido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo - 3 ed. Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece, Folia, Festa e Romaria*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas: memória da cidade no corpo. VELLOSO, M. P.; ROUCHOU, J; OLIVEIRA C, organizadoras. *Corpo: identidades, memórias e subjetividades*. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj; 2009, p. 129-139.

PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

RISÉRIO, Antônio. *Caymmi, uma utopia de lugar*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 111.

SANCHIS, Pierre. *Arraial festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad. 2ª edição, 1998.

SILVEIRA, Joel. *Na fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

VELLOSO Mônica P; ROUCHOU J, OLIVEIRA C, organizadoras. *Corpo: identidades, memórias e subjetividades*. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj; 2009.